

Novos rumos

9 • Correio Braziliense • Brasília, sábado, 3 de maio de 2025

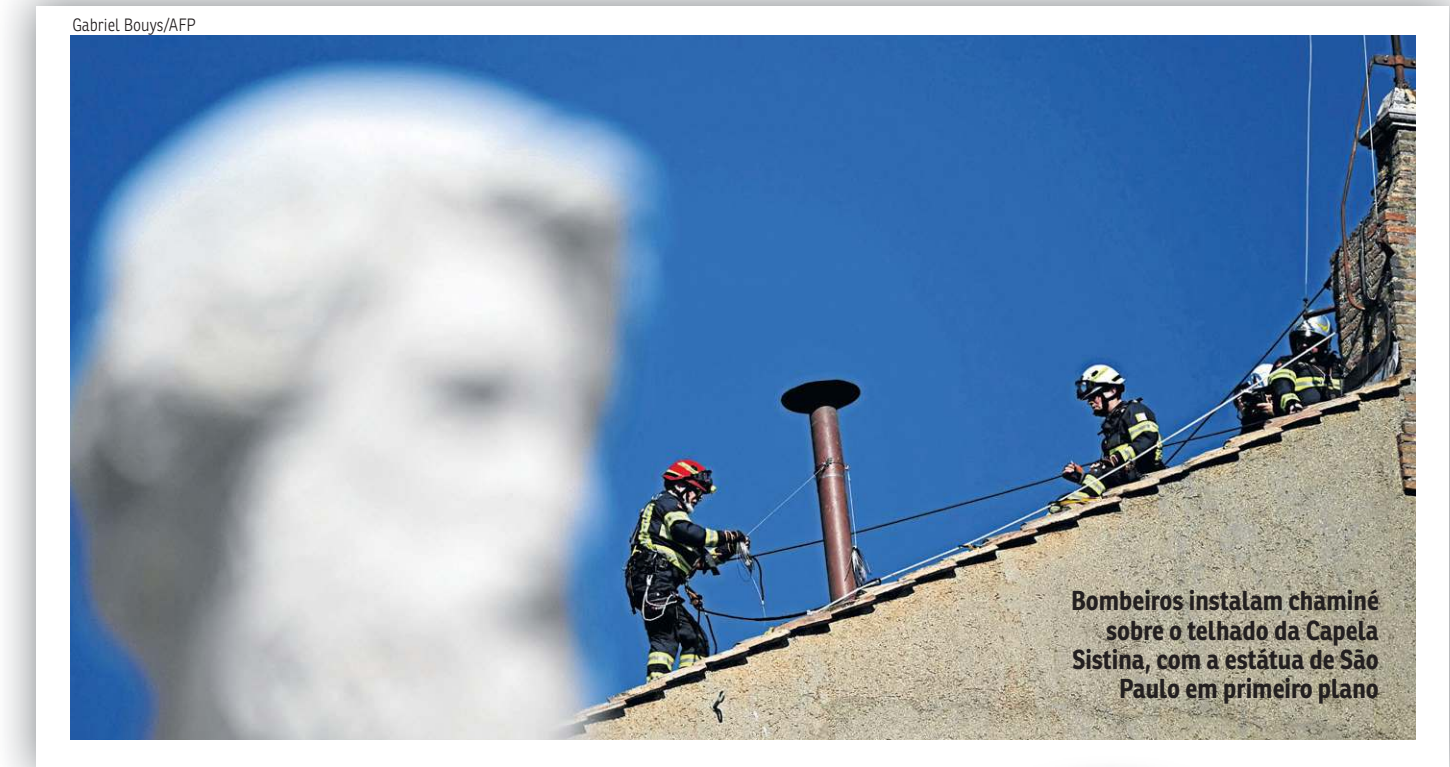
SILÊNCIO E REFLEXÃO antes DO conclave

CARDEAIS RETOMAM AS REUNIÕES DAS CONGREGAÇÕES GERAIS E EVITAM FALAR COM A IMPRENSA SOBRE A ESCOLHA DO PRÓXIMO PAPA, A PARTIR DE QUARTA-FEIRA. CHAMINÉ DA CAPELA SISTINA É INSTALADA PARA RITUAL SOLENE

» RODRIGO CRAVEIRO
ENVIADO ESPECIAL

Roma — Os passos são apressados. A batina vermelha e o solidéu sobre a cabeça, de mesma cor, denunciam: há um cardeal à vista. Logo, um batalhão de jornalistas se aglomera em torno do chamado "príncipe da Igreja Católica". Aqueles com menos de 80 anos, eleitores no conclave que começará na próxima semana, irrompem em meio aos repórteres, quase sempre sem dizerem uma só palavra. "Vocês sabem que não posso falar", responde ao **Correio** Dom Arlindo Gomes Furtado, 75, o único cardeal de Cabo Verde, a quem a reportagem entrevistou, em 25 de maio, ao encontrá-lo no aeroporto de Lisboa, durante a conexão para Roma. Também único representante do Sudão do Sul, Dom Stephen Ameyu Martin Mulla, 61, reage: "Não estamos falando sobre o conclave". Ao ser questionado pelo **Correio** sobre se a Igreja está unificada em torno do legado do papa Francisco, ele respondeu: "Sim, juntos, todos". Os 133 eleitores com poder de voto fizeram um pacto de silêncio. Isso inclui os sete brasileiros aptos à escolha no conclave, cujos preparativos foram intensificados.

Em meio à movimentação dos cardeais, os preparativos para o conclave seguem. Ontem pela manhã, a chaminé que avisará ao mundo sobre a eleição do sucessor de Francisco foi instalada no telhado da Capela Sistina, sob os olhares atentos e curiosos de fiéis e turistas. De 9h às 12h30 de ontem no horário de Roma (4h e 7h30 em Brasília), 180 dos 225 cardeais que compõem o Colégio Cardinalício, entre eles 120 eleitores, voltaram a se reunir nas congregações gerais — encontros em que aproveitam para conhecer uns aos outros e debater os desafios da Igreja Católica —, depois de um feriado do Dia do Trabalho marcado por orações e meditação. Os purpurados reconheceram que a evangelização foi



Quatro PERGUNTAS PARA...

DANIEL GOLDMAN, rabino em Buenos Aires e amigo de Jorge Mario Bergoglio, o papa Francisco

O senhor pode contar sobre a amizade que teve com Francisco?

Eu me animo a dizer sobre uma relação de amizade... Porque ter amizade com um papa é como ter amizade com Deus, praticamente. Eu o via com a simpatia e com o humor que ele tinha. Era uma relação de muita confiança, passada pelo diálogo interreligioso que desenvolvemos, ao lado de Mario Abbud, um líder da tradição muçulmana. Fui o porta-voz de Jorge Mario Bergoglio durante uma década na Argentina.

Que legado ele deixa, especialmente para o diálogo interreligioso?

Creio ser um símbolo o fato de um jornalista telefonar para um rabino para perguntar-lhe a amizade com o papa. Isso é um sinal dos tempos, não?

Há quanto tempo conhecia Bergoglio? Há uma passagem curiosa com ele da qual o senhor se recorda?

Eu o conhecia há uns 30 anos, justamente a partir da relação com Mario Abbud. Eu me lembro de uma anedota muito simpática que o envolvia. Nós nos reunimos, uma vez por mês, na casa de cada um dos grupos de comensais. Éramos cinco ou seis

pessoas. Quando a reunião era na minha casa, eu sempre esperava que ele me chamasse para que eu esperasse no ponto do coletivo (ônibus). Mas coletivo também significa compartilhar com muitos mais um destino. Isso era um modo de colocá-lo em perspectiva: Bergoglio era um homem de coletivo. Viajava em coletivo porque era um homem simples e copartilhava a sua vida de maneira coletiva. Isso é parte do trabalho realizado em Buenos Aires, do diálogo interreligioso. Quando foi alçado



papa, considerou que uma das políticas principais de sua carreira era justamente incluir a todos dentro desse grande mundo chamado de Igreja.

Quem foi o papa Francisco enquanto pessoa, ser humano, amigo?

Um homem profundo, inteligente, sensível. Para muitos, foi um professor. Muitos de nós nos sentimos seus discípulos. Muitos sentem que ele foi um pai. Escutei um grupo de jovens, em Roma, dizerem que é como se tivessem perdido um avô. (RC)

Celeridade

Dom Gregorio Rosa Chávez, cardeal de El Salvador e não eleitor, admitiu ao **Correio** que o conclave

da próxima semana será "totalmente diferente". "Algo que nunca foi imaginado", disse, ao citar que Francisco nomeou cardeais em vários países periféricos. Ele espera

um conclave rápido. "Acho que em dois ou três dias ele terá terminado. Se eu me enganar, pode me pedir uma pizza", brincou, entre sorrisos. Ao ser perguntado sobre de qual

Eleição SOB A sombra DE denúncias DE abuso

Roma — Às vésperas do conclave, uma "ferida exposta" na Igreja Católica ronda a escolha do próximo papa. No mesmo caminho da Rede de Sobreviventes de Abusos por Padres (SNAP), a organização não governamental Bishop Accountability alertou contra a eventual ascensão ao trono de São Pedro do italiano Pietro Parolin, secretário de Estado do Vaticano, ou do filipino Luis Antonio Tagle, co-prefeito do Dicastério para Evangelização, considerados omisso diante de denúncias. "Se o cardeal Parolin se tornar papa, teremos um consumado guardião do segredo à frente da Igreja Católica, e acho que qualquer esperança de transparência em torno do abuso sexual será

completamente frustrada", declarou Anna Barrett Doyle, codiretora da ONG sediada nos EUA que documenta a violência clerical. Pete Isley, fundador e vice-presidente da Snap, e Sarah Pearson, porta-voz da ONG, estão em Roma e, ontem, confrontaram os cardeais Gregorio Rosa Chávez, de El Salvador, e Jorge Enrique Jiménez Carvajal, da Colômbia, ambos não eleitores, à saída da Sala Paulo VI. Isley concorda com Doyle. "Parolin e Tagle, por conta do que parece ser seus históricos sobre abuso sexual, não me parecem adequados para o cargo", afirmou ao **Correio**. Por sua vez, Pearson disse à reportagem que está em "absoluta concordância" com a Bishop Accountability. "Tanto Parolin quanto

Tagle não têm credibilidade para impor a tolerância zero a abusos. Isso porque eles mesmos estariam desqualificados por suas próprias ações de ocultamento dos crimes sexuais." Segundo ela, o próximo papa não pode ser um pessoa que acoberta o que sabe sobre crimes contra crianças e pessoas vulneráveis. "Como poderá o próximo pontífice dizer que temos tolerância zero, quando ele próprio é bem tolerante aos abusos?", questionou. Segundo a porta-voz da Snap, Parolin e Tagle têm uma longa história de acobertamento de abusos e de permitir a continuação da violência sexual. "Isso é um comportamento perigoso, que não pode ser tolerado."

Enquanto a Bishop Accountability fazia a denúncia, os cardeais — reunidos em uma congregação geral, na Sala Paulo VI do Vaticano — trataram do tema do abuso sexual como uma "ferida" que se mantém "aberta", relatou o porta-voz, Matteo Bruni. Eles reconheceram que têm ciência do problema e admitiram que "caminhos concretos" para a cura podem ser identificados. A abordagem do escândalo coincidiu com a polêmica aparição, na Praça de São Pedro, de Juan Luis Cipriani Thorne, ex-arcebispo de Lima e cardeal afastado pelo papa Francisco após acusações de pedofilia. Cipriani foi visto usando a batina e o solidéu sobre a cabeça, em meio a eventos que antecedem o conclave.



Pete Isley, da Snap, confronta o cardeal colombiano Jorge Enrique Carvajal